

# ANÁLISE DA POPULAÇÃO RURAL E URBANA DO TERRITÓRIO AGRESTE CENTRAL E SETENTRIONAL PERNAMBUCANO: NOTAS INICIAIS

Hélio Fernandes De Lima  
Universidade de Pernambuco - UPE  
heliofernandes23@outlook.com

Filipe Pontes Vasconcelos  
Universidade de Pernambuco- UPE  
filipepontes1@hotmail.com

Ananda de Albuquerque Moraes  
Universidade de Pernambuco- UPE  
anandaalbuquerque@hotmail.com

Gevson Silva Andrade  
Universidade de Pernambuco- UPE  
gevson@yahoo.com

## RESUMO

O território do agreste central e setentrional de Pernambuco possui áreas dinâmicas de grande circulação do capital que influencia o sistema econômico, político e social dos municípios nele inseridos. Por resultado, as consequências da realocação de grupos de pessoas que se movimentam a fim de integrar-se nesse processo que propõe uma melhor condição de vida acarreta um influxo populacional em áreas polarizadas por centros urbanos em desenvolvimento, em contrapartida, causa um defluxo populacional nas áreas que geralmente a economia baseia-se na produção manufaturada de comercialização local. Com isso, a estrutura morfológica da população apresenta diversas feições diante da heterogeneidade de ocupação espacial, constituindo numa forte disparidade populacional urbana e rural.

**Palavras-chave:** Agreste; Migração; (Re) Organização Urbana

## INTRODUÇÃO

As multiterritorialidades presentes num espaço determina-se pelas atividades que nele se apresentam e como as relações socioespaciais se perpetuam de acordo com sua interação e modificação da paisagem. Entende-se que a cidade necessita do campo e o campo necessita da cidade, bem como as atividades da cidade influenciam no campo e vice-versa.

O campo brasileiro enfrenta problemas de luta, disputa e violência como ressalta Ariovaldo Umbelino (2007):

A luta sem trégua e sem fronteiras que travam os camponeses e trabalhadores do campo por um pedaço de chão e contra as múltiplas formas de exploração de seu trabalho amplia-se por todo canto e lugar, multiplica-se como uma guerrilha civil sem reconhecimento. Essa realidade cruel é a face da barbárie que a modernidade gera no Brasil. Aqui a modernidade produz as metrópoles, que industrializa e mundializa à economia nacional, internacionalizando a burguesia nacional, soldando seu lugar na economia mundial, mas prossegue também, produzindo a exclusão dos pobres na cidade e no campo. (OLIVEIRA, 2007, p. 157)

Sendo que a maior parte dos problemas do campo poderiam ser resolvidos com mais apoio tecnológico para o avanço da produção e a revisão da legitimidade da propriedade privada da terra, já que o modo de produção capitalista privatiza a terra para assegurar maior poder aos latifundiários, sendo assim a desigualdade social se torna mais notória e, portanto, um problema social a ser analisado.

Quando o campo e a cidade se subordina ao capital, a realidade de ambos será a mobilidade, como aponta Carlos (2004), assim na cidade a luta será pela moradia, e no campo a luta será pela terra, para poder possibilitar a sobrevivência. Alguns autores afirmam que o campo complementa a cidade, ambos serão vistos como locais apenas de reprodução do capital. Outras leituras apontam o campo como subordinado as cidades, porém ainda existem resistências a esse processo, quando o camponês utiliza da agricultura familiar para sua subsistência. Mas o fato é que diante da subordinação do campo e da cidade ao capital, ambos trazem consigo uma bagagem de problemas sociais e conseqüentemente se luta contra eles, como a Ligas Camponesas no campo<sup>1</sup> e a Ditadura Militar na cidade.

O desenvolvimento de algumas cidades do agreste se deu através da comercialização de produtos de matriz rural pecuário (caprinos, bovinos, galináceos) e agrícola (milho, mandioca, banana, algodão e caju) em larga escala e pela comercialização da produção têxtil, até mesmo para atender as necessidades da cidade. Observa-se que o campo é substancialmente necessário no processo de espraiamento da cidade, assim como a cidade é essencial para a circulação de pessoas e comercialização dos produtos advindos da área rural. É importante que o Estado se posicione diante das necessidades do campo, nesse sentido, instituições que ajudam no financiamento de produtos agrícolas é cada vez maior,

---

<sup>1</sup>As Ligas Camponesas foram associações de trabalhadores rurais criadas inicialmente no estado de Pernambuco, posteriormente na Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, Goiás e em outras regiões do Brasil, que exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart em 1964. Fonte: <[http://www.ligascamponesas.org.br/?page\\_id=99](http://www.ligascamponesas.org.br/?page_id=99)> Acessado em: 03/01/2016

salientando a expansão da atividade primária e tornando cada vez mais acessível o crédito agropecuário, prestando serviços de melhorias tecnológicas afim de desenvolver e melhorar a produção agrícola.

O aumento de desemprego no espaço urbano praticamente obriga os trabalhadores a retornarem ao seu local de origem, tornando-se desempregados também no campo ou assalariados, na cidade a condição de empregado autônomo, dependente de programas governamentais para melhoria de sua condição de vida, a convivência com a insegurança do emprego é rotineira. As relação cidade-campo serão analisadas baseadas nas atividades sociais, na historicidade. “Novas estratégias de sobrevivência no campo e na cidade” para a possibilidade de reprodução social deverão ser abordadas com destaque nos movimentos sociais.

## **PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

O presente trabalho foi estruturado por etapas que se sucederam juntamente com as atividades de revisão bibliográfica e auxiliada por reuniões com membros da estrutura política municipal inseridos no território Agreste Setentrional e Central de Pernambuco, a fim de compreender a dimensão e o comportamento da ligação campo-cidade e as possíveis perspectivas de investimento para esse espaço.

Foram elaboradas algumas análises de atratividade socioeconômica de cidades inseridas na mesorregião do Agreste a fim de caracterizar o processo migratório dos indivíduos residentes nas aglomerações urbanas e nos espaços rurais influenciados pela cadeia produtiva que dinamiza esse recorte espacial do estado de Pernambuco.

Além da revisão bibliográfica, foram incorporadas algumas observações acerca da estrutura do local onde teve - se a coleta das informações apresentada, incluindo a historicidade do local como objeto de complementação da dimensão de informações contidas nesse espaço.

## **RESULTADOS OBTIDOS**

No íntimo das cidades pequenas, as relações afetivas entre as famílias torna a sensação de lugar existente, o afeto e conforto de habitar um lugar calmo e de aparência tranquila, faz do ambiente um lugar especial para quem ali cresce, porém essas cidades não desfrutam da mesma disponibilidade de estruturas de comércio, serviços, indústria tecnológica ou de transformação, já que são pouco numerosas de baixa capitalização de investimentos externos, elas passam quase despercebidas aos olhos dos planejadores governamentais, cidades essas de menos de vinte mil habitantes, como Cachoeirinha (19.951 hab.) no Agreste Central e Casinhas (14.219 hab.) no Agreste Setentrional, parecem dispensáveis quando estão diante de cidades de porte médio como Caruaru (347.088 hab.) no Agreste Central e Santa Cruz do Capibaribe (101.485 hab.) no Agreste Setentrional Pernambucano, já que são grandes unidades, seus problemas a serem enfrentados também tornam-se maiores.

As diferenças entre os aspectos econômicos, demográficos, e políticos destas cidades se deu pelo fato do seu processo de ocupação, Caruaru por exemplo possui linha férrea, atualmente desativada, que teve grande influência em seu desenvolvimento econômico e crescimento urbano bem como, estruturas rodoviárias que liga a cidade aos principais centros econômicos da região e à capital pernambucana Recife, dando escoamento para o fluxo de mercadorias e serviços, assim como servia de passagem obrigatória de gado do sertão ao litoral, sendo assim, vários proprietários de terra se instalaram ali como afirma Sonia Maria Lira (2009) em que:

As feiras estão entre as principais responsáveis pela integração inter-regional. Na subregião do Agreste pernambucano, três territórios se destacam por suas feiras de sulanca, justamente os de: Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. A maioria dos comerciantes vende seus produtos de confecções de roupas, nos espaços das três feiras, circulando semanalmente pelos municípios [...] Grande parte dos feirantes prioriza as feiras de Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe, por serem as maiores e mais antigas. A feira de Toritama, por ser mais recente, possui um quantitativo menor de comerciantes. Entretanto eles comercializam também nas feiras dos outros dois municípios. Além dos mercados periódicos das feiras livres, outras formas de comercialização foram criadas, na área, a exemplo dos “centros de compras” dos artigos localmente produzidos (LIRA, 2009 p. 41)

Santa Cruz do Capibaribe por sua vez se tornou o maior polo produtor de confecções do Nordeste, com a fabricação de roupas populares, sendo peças de baixo custo e fácil comercialização dando assim maior dimensão a economia local e microrregional. Enquanto cidades menores como Casinhas e Cachoeirinha citadas acima possuem fluxo de economia baixa, vinculada a produção agropecuária, sem grande agregação de valor ao produto final com base no REGIC-IBGE (2007), se restringindo ao comércio local, e sendo influenciado por municípios que ofertam produtos e serviços diferenciados (cidades de médio porte próximas a seu núcleo urbano) e agricultura familiar.

O nível de importância de um centro urbano estará na dimensão da população e sua renda equivalente a escala do consumo, a população é um elemento que auxilia na determinação do tamanho da cidade e sua funcionalidade desempenhada por esta cidade, em relação a hierarquia urbana, pois quanto menor a cidade menor a população, menor será a fluidez do capital, assim sendo menos relevante que um centro urbano maior, porém existem exceções, se a cidade possuir atrativo que se destaque seja de forma religiosa, turística ou ambiental, como Bonito (37.566 hab.) no agreste central que possui atração turística para seu grande número de cachoeiras e atividades voltadas ao setor no âmbito do turismo ecológico e de esportes de aventura. Essas unidades menores tendem a crescer, porém lentamente.

As áreas de alta concentração populacional em núcleos urbanos desenvolvidos tendem a polarizar estruturas comerciais e de serviços bem como industriais, sendo assim, locais de grande atratividade de capital e populacional influenciando centros locais que possuem suas atividades a um processo econômico sucateado (agricultura de baixa rentabilidade, setor público, monoculturas em

solos defasados, economia informal), onde a mão de obra é quase escassa e de baixa qualificação profissional. Esses centros não irão conseguir atender as necessidades que uma substancial classe média demanda, sendo esses forçados a migrar para áreas com maior disponibilidade de estruturas urbanas.

Aportando desse processo de migração e da alta concentração de terras em locais próximos a áreas estratégicas do território do Agreste, evidenciar-se a especulação imobiliária e com ela a hiper valorização dos imóveis, acarretado pelo significativo aumento da procura por espaços próximos ao centro urbano como afirma DUALDE(2009):

Um ponto de destaque que os modelos de cidades monocêntricas reforçam é a organização espacial dos usos a partir da renda, e o corolário desse fato é a percepção do setor do capital imobiliário à necessidade de criação de novas centralidades de onde resultará a maximização de sua remuneração. Isso implica jogar com o uso presente/uso futuro e capitalizar a partir da capacidade de prever (antecipar) uma decisão do comprador. [...] a disputa pela localização do espaço leva ao desenvolvimento de rendas específicas realizada com base nos mecanismos de apropriação das categorias econômicas sob o comando do capital. (DUALDE, 2009, p. 25)

Não importa qual seja o tamanho da unidade urbana, para compreendê-las e para discutir sobre seu grau de relevância deverá ser calculado a partir do desenvolvimento de suas atividades econômicas, suas questões sociais, políticas e históricas/culturais. Vale salientar que mesmo que uma cidade cresça esse alcance não foi resultado apenas de seus habitantes, tanto na questão de capital gerado por turismo, quanto ao fato de que são muitas as pessoas que trabalham em uma cidade “A” mas habitam em uma cidade “B”. Muitos centros são estimulados ao crescimento acelerado por pertencer a área de influência da Região Metropolitana, esse acontecimento se chama Rede Hierarquizada, assim o espaço se moldará as suas necessidades (procura e demanda), a capital será o ápice da hierarquia e será responsável por polarizar as demais cidades inseridas em sua hinterlandia<sup>2</sup>.

## O PROCESSO MIGRATÓRIO

A migração, no sentido aqui apresentado, surge em função de oportunidades de melhores condições de vida seja social ou econômica. Tais oportunidades, podemos entender por facilidades ofertadas, como por exemplo, a ocupação de terras e disponibilidade de água para agricultura. Os migrantes ao executarem seu deslocamento, propiciam transtornos de cunho sócio-econômico-cultural no destino que chegam. Destaca-se entre os transtornos, a elevação da criminalidade, prostituição, desemprego e aumento dos custos gerais produzidos pela crescente demanda populacional.

---

<sup>2</sup> Território afastado do litoral ou dos centros industriais e comerciais, área que é fonte de sustento e de matérias-primas para uma metrópole industrial, e que constitui, ao mesmo tempo, mercado para as suas manufaturas.

No tocante da população rural e urbana do Território do Agreste Central e Setentrional de Pernambuco, as modificações determinadas pelo capital constituíram um cenário de alta lucratividade enaltecida pela união de 4 fatores relevantes a esse processo, são:

- Cadeia produtiva de baixo custo;
- Mão-de-obra barata em larga escala;
- Intervenção política nos trâmites burocráticos e organização espacial.

Tais elementos desempenharam um processo de desterritorialização e conseqüentemente a reterritorialização de grupos populacionais que se deslocaram em massa para as áreas de investimento no Agreste a fim de compactuar com o rápido crescimento da região ocasionando um defluxo populacional em espaços onde a economia estava em nível de estagnação e o modo de vida acompanhado pelo desempenho restrito das atividades econômicas do setor primário no campo e do setor terciário nas cidades.

A necessidade de mudanças nos sistemas de produção de operações agrícolas, por um lado, acionou o processo de inovação tecnológica, por outro introduziu uma série de serviços ao longo da cadeia produtiva, caracterizando, nesse momento, um rural pluriativo<sup>3</sup>:

Não obstante a superioridade técnica da grande propriedade, os pequenos agricultores podem coexistir com ela na estrutura agrária, devido ao processo de industrialização da agricultura, que viabiliza empregos assalariados e atividades extra-agrícolas para os camponeses, permitindo sua reprodução como assalariados parciais ou temporários” (Kautsky, 1968, apud ALVES, 2007, p02.)<sup>4</sup>

Afinal, o rural sempre foi mais diversificado que a agricultura, em termos de espaço físico e socioeconômico ao se manifestar de formas distintas. Nas sociedades subdesenvolvidas, a prática de atividades não-agrícolas por famílias rurais ocorre como causa da miséria, em decorrência da fragmentação das terras, das limitações naturais e da sazonalidade da agricultura que podem estar ou não vinculados a processos de cunho natural.

A pluriatividade no rural brasileiro se caracteriza além das produções agropecuárias e agroindustriais. Aumentam as atividades não-agrícolas como: moradia, turismo, lazer e outros serviços que atendem um público urbano. As atividades não-agrícolas têm maior importância econômica que aquelas existentes em regiões nas quais os agricultores não tiveram acesso aos recursos da “modernização” como os subsídios de créditos nas políticas de financiamentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>3</sup>O rural pluriativo são áreas compostas por atividades agrícolas ou não-agrícolas na ocupação principal e/ou secundária de pelo menos um em sua dimensão.

<sup>4</sup>Maria Odete Alves. O Novo Mundo Rural e a Dinâmica de Mudanças Na Ocupação da Mão-De-Obra Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/MariaOdeteAlves/o-novo-mundo-rural-e-a-dinamica-de-mudancas-na-ocupacao-da-mo1-vm>>. Acessado em: 18/12/2015.

Os núcleos familiares urbanos e rurais locais, antes voltados para a economia comercial e agrária respectivamente, passam a reconfigurar novos espaços do território em consequência da implantação de unidades produtivas têxteis (mais especificamente do ramo de confecções) e comerciais, desencadeando novos setores econômicos e com isso, ampliando a malha urbana de algumas cidades e organizando novos empreendimentos imobiliários, turísticos e de serviços a fim de atender a demanda a evasão dos grupos populacionais das áreas agrícolas em detrimento dessa expansão urbana e migrando, na maioria das vezes, para o núcleo urbano mais próximo “inflando” cidades que não tem estruturas que venham a comportar a nova composição populacional ocasionando diversas problemáticas sociais, econômicas e ambientais que influenciam diretamente no modo de vida da população.

## REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A questão da cidade e do campo: teorias e política. **Mercator** – Revista de Geografia da UFC, v. 3, n. 5, 2004.

DUALDE, Ricardo. **A utilização da renda fundiária no financiamento das cidades brasileiras: estudo de relações chave em municípios da área metropolitana de São Paulo**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel. (Orgs.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010. (Série estudos e pesquisas)

LIRA, Sonia Maria de. **O “desenvolvimento” do aglomerado de micro e pequenas indústrias de confecções do Agreste/PE: as suas inter-relações socioespaciais**. – Recife: Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Geografia, 2009.

NAVARRO, Antonio Fernando. **As migrações humanas e seus impactos sócio-político-econômico-histórico e estratégicos: Modelo de Matriz Decisória de Avaliação da Implantação de Empreendimentos**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/AntonioFernandoNavarro/as-migraes-humanas-e-seus-impactos-scio-econmicos-33388019>>. Acesso em: 18/01/2016.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 9ª ed. 2006.